

ANELÍDEOS POLIQUETAS DA CAMPANHA CIENTÍFICA DO PESQUEIRO 'PESCAL II'

(Recebido em 6/8/65)

E. NONATO

Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo

SYNOPSIS

Seven species of polychaetes are studied from benthonic samples collected by the Museu Riograndense de Ciências Naturais off the Barra do Rio Grande (Southern Brazil). *Neanthes succinea*, *Marphysa sanguinea* and *Lumbrineris la-treilli* are considered cosmopolitan. *Ophioglycera eximia* was known only from the antarctic region. The area of distribution of *Eunice rubra*, known to go from the Gulf of Mexico and West Indies to the coast of Pernambuco, is now enlarged to South Brazil. *Aglaurides fulgida* has been identified with doubt because only a median fragment was obtained. The size of the fragment indicates an exceptionally large size for the whole worm. A new species is described *Pherusa capitata* sp. n.

INTRODUÇÃO

O material aqui estudado é proveniente de um cruzeiro de pesquisas efetuado, em 1959, pelo Museu Riograndense de Ciências Naturais, sob a direção dos Drs. L. Buckup e J. W. Thomé.

O roteiro da viagem, bem como os métodos de coleta e os aparelhos estão descritos no trabalho de BUCKUP & THOMÉ, 1962.

Poliquetas ocorreram em apenas uma das Estações, a de n.º 59, ao largo da Barra do Rio Grande (32°05'S-51°48'W), profundidade de 18 m, fundo de lodo. Num total de 19 exemplares, estão presentes 7 espécies, das famílias: Nereidae, Goniadidae, Eunicidae, Lumbrineridae, Lysaretidae e Flabelligeridae. Fixado em álcool 70%, o material conservou-se em excelente estado.

As descrições são baseadas nos exemplares desta coleção e em material proveniente de vários pontos da costa brasileira.

Exemplares de cada uma das espécies e o tipo de *Pherusa capitata* sp. n. estão depositados no Museu do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Fam. NEREIDAE Johnston, 1865

Gên. *Neanthes* Kinberg

Neanthes Kinb., Hartman, 1959, p. 249

O gênero *Neanthes*, anteriormente considerado subgênero de *Nereis*, distingue-se deste pela presença de todos os grupos de paragnatas, completos.

Neanthes succinea (Frey & Leuckart)

Neanthes perrieri St. Joseph 1898, p. 288-292, est. 15, figs. 69-77.

Nereis glandulosa Ehlers 1913, p. 497-498, est. 28; figs. 12-16. (Non) Ehlers 1908.

Nereis (*Neanthes*) *succinea* (Leuckart) Fauvel, 1923, p. 346-347, fig. 135:f-g.

Tebble, 1955, p. 94-97, figs. 9-10 (pro-parte).

Nereis succinea (Leuckart) Fauvel, 1936, p. 312-313.

Dois exemplares; um, completo, com 70 segmentos e outro constituído por 33 setígeros anteriores.

DIAGNOSE — *Neanthes* com as paragnatas da área VI dispostas em círculo, com uma ou duas no centro; cerdas compostas notopodiais espiníferas homógonas.

DESCRIÇÃO — Corpo longo, vermiforme, ligeiramente mais largo na região anterior. Quatro olhos grandes; palpos grossos e divergentes; antenas subuladas, de comprimento aproximadamente igual à distância entre os palpos; cirros tentaculares de comprimento muito desigual, os mais longos atingindo o 4.º ou 5.º setígero. Mandíbulas robustas, amarelas, com 6 a 8 dentes. Paragnatas: I = 2 grossas, desiguais, em linha; II = conjunto de 2-3 fileiras oblíquas; III = faixa transversal, com 3-4 fileiras in-

terpenetradas; IV = grupo triangular, de 20 a 25; V = grossas, em triângulo, com o vértice para trás; VI = pequenos grupos circulares, de 7 a 10, das quais 1 ou 2 no centro; VII + VIII = 2 linhas transversais com cerca de 20 paragnatas grossas, a fileira proximal intercalada com cerca de 15 a 20 menores.

Parapódios variando muito de forma, conforme a região do corpo; ramo dorsal com 3 lobos; ramo ventral menos desenvolvido, com 2 lobos curtos. Nos pés da região mediana e posterior o lobo dorsal superior torna-se muito grande, foliáceo, vascularizado e com o cirro migrando para a extremidade; nos últimos setíferos, o cirro é perfeitamente terminal. Aículos negros em número de 2 ou 3 em cada ramo. Cerdas notopodiais compostas, unicamente espiníferas homógonfas; cerdas neuropidiais de 3 tipos: superiores, espiníferas homógonfas; inferiores, espiníferas e falcíferas heterógonfas. Dois cirros anais, medianamente longos.

Comprimento — Animal jovem, completo, com 70 segmentos/32 mm, exemplar maduro, incompleto, com 33 segmentos/34 mm.

DISCUSSÃO — *Neanthes succinea* faz parte de um grupo de espécies caracterizadas pelo grande desenvolvimento do lobo dorsal do notopódio, que, nos segmentos medianos e posteriores, se torna foliáceo e vascularizado. A diversidade dos caracteres taxonômicos, invocados para justificar a distinção específica, é tão precária que muitas das espécies não podem ser mantidas como válidas.

FAUVEL (1936), num trabalho em que procura caracterizar e distinguir espécies muito próximas, considera *Nereis perrieri*, *N. limbata* e *N. glandulosa*, sinônimos de *N. (Neanthes) succinea*, mantendo como espécie distinta *N. lamellosa*. Entretanto, é provável que também essa espécie deva ser considerada sinônimo de *succinea*. O próprio autor declara (p. 311): "Na minha descrição da 'Faune de France' (1923, p. 346, fig. 135), os parapódios são figurados segundo uma verdadeira *N. succinea*, enquanto que as figuras da tromba (f, g) e a da cerda homógonfa pertencem, na realidade, a uma *N. lamellosa*"; acrescentando que, salvo essas diferenças, a descrição se aplica indiferentemente às duas espécies.

TEBBLE (1955) descreve como *N. succinea*, uma *Neanthes* proveniente da Costa do Ouro (Buchanan Survey). Pela descrição e pelas figuras, seus espécimens aproximam-se mais de *Nereis glandulosa* "sensu" Ehlers 1908. Em particular, a disposição do cirro dorsal "dividindo" o lóbulo superior do parapódio (fig. 10, de TEBBLE) é característica desta última espécie.

A nosso ver, *Nereis glandulosa* Ehlers, 1908, tal como é originalmente descrita e figurada pelo autor (p. 74, est. 8, figs. 1-6), só com reservas poderá ser considerada como sinônimo de *Neanthes succinea*. Os cirros tentaculares de comprimento uniforme e a ausência quase total de paragnatas na área 3 (apenas 1!) discordam francamente da diagnose de FAUVEL. Porém, os exemplares da "Deutschen Südpolar-Expedition" (EHLERS, 1913), enquadram-se perfeitamente na referida diagnose.

DISTRIBUIÇÃO — *N. succinea* é espécie cosmopolita; no Brasil tem sido encontrada em diferentes pontos da costa sul, desde a Bahia até Tramandaí no Rio Grande do Sul.

Fam. GONIADIDAE Malmgren, 1867

Gên. *Ophioglycera* Verrill

Ophioglycera Verrill 1885 (pro-parte). Hartman, p. 35-36.

O gênero *Ophioglycera*, "sensu" Hartman, 1950, distingue-se de *Goniada* Audouin & Edwards, pela ausência de "chevrons" na tromba e, de *Goniadopsis* Fauvel, por possuir apenas cerdas espiníferas nos neuropódios.

Ophioglycera eximia (Ehlers) 1900

(Figs. 1-9)

Goniada eximia Ehlers 1901, p. 157-159, est. 20; figs. 7-16 b. Monro 1936, p. 141, figs. 25, a-j. (Non) Monro 1937, p. 285. (Non) Fauvel 1953, p. 285.

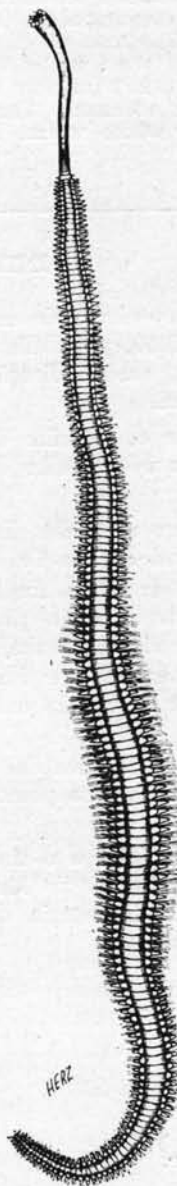


Fig. 1 — Animal em vista dorsal, total, com a tromba evaginada.

Ophioglycera eximia (Ehlers) Hartman, 1950, p. 38-39.
?Goniada norvegica var. falklandica Pratt 1901, p. 3-11, est. 4.

O material estudado compõe-se de 9 exemplares completos, de vários tamanhos, todos provenientes do 'Pescal II'.

A descrição é baseada num exemplar de 75 mm, com a tromba evaginada.

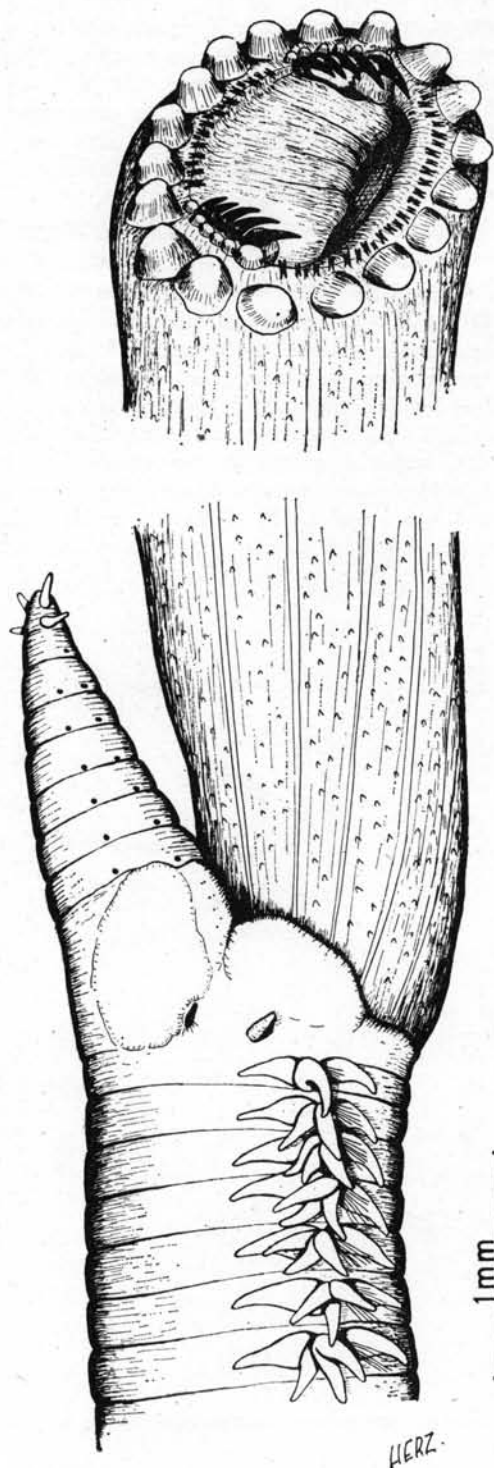


Fig. 2 — Detalhe da região anterior; tromba evaginada.

DIAGNOSE — *Ophioglycera* com o prostômio formado por 9 anéis, cirros dorsais de comprimento moderado, ramo dorsal dos pés aparecendo entre o 55° e 65° setíferos; papilas da tromba de um único tipo.

DESCRIÇÃO — Corpo longo, vermiforme, dividido em três regiões; prostômio longo e anelado, com 4 pequenas antenas em cruz, formado por 8 segmentos distais curtos e um basal longo. Tromba claviforme, quase cilíndrica, recoberta de papilas de um único tipo; bôca orlada por 18 papilas largas, retangulares; armadura bucal constituída por duas macrognatas com 4 dentes longos e fortes e por 30 micrognatas, de tamanho variável, com a forma típica de um H ou X, dispostas em círculo, 16 dorsais e 14 ventrais; em exemplares jovens podem ocorrer "chevrons" delicados, em número de um ou dois pares incompletos. Região anterior com pés unirremes, com cerca de 60 setíferos; região mediana, com aparecimento gradual de cerdas ventrais, com cerca de 15 segmentos; região posterior com pés birremes bem desenvolvidos. Cerdas notopodiais simples, limbadas; neuropodiais espiníferas compostas.

Comprimento — 75 mm, para um exemplar com 170 setíferos. Comprimento do maior exemplar desta coleção: 220 mm; diâmetro: 9-12 mm (com cerdas); tromba: 42 mm.

Os espécimens examinados apresentam a configuração típica dos *Goniadidae*, com o corpo dividido em duas regiões macroscopicamente distinguíveis; com a tromba longa, francamente clavada e provida de paragnatas numerosas e de dois tipos. "Chevrons" são inteiramente ausentes nos 6 exemplares maiores.

Tais caracteres correspondem exatamente aos de *Ophioglycera eximia*, na chave proposta por HARTMAN (1950, p. 36).

As características do prostômio são idênticas às figuradas por EHLERS (1901, est. 20, fig. 10), com a dupla fileira de "manchas sensoriais" nos 7 anéis distais e as manchas grandes na base do anel mais largo.

As papilas epidérmicas da tromba também concordam, ainda que acreditemos não ter EHLERS evidenciado a sua conformação real (tridimensional). À primeira vista, o aspecto é o representado por EHLERS (est. 20, fig. 16 a-b) e, até certo ponto, por MONRO (1936, p. 142, fig. 25 a). Um estudo cuidadoso mostrou, porém, que a forma correta é a representada neste trabalho (Figs. 8 e 9); portanto assemelham-se mais às papilas de *Goniada acicula* como figuradas por HARTMAN (1950, est. 4, figs. 2-7).

DISCUSSÃO — A *Goniada eximia*, descrita por MONRO (1937, p. 285) do Mar Árábico, com 18 pares de "chevrons", é uma legítima *Goniada* e, portanto, não homóloga de *O. eximia*. Nessa espécie, o aparecimento de um neuropódio é extremamente gradual: "The change from the uniramous

to the biramous condition begins at the 58th chaetiger and is complete at the 96th, were the true hinder region begins". E, ainda, as cerdas dorsais são capilares, enquanto em *O. eximia* são limbadas, estreitas.

É oportuno salientar que o conceito de "região de transição" pode ser diversamente interpretado. Se considerarmos que transição significa o aparecimento de cerdas dorsais (prenunciando um lobo notopodial), esta é, realmente abrupta, ocorrendo no 57.º-59.º setígero. Se se considerar, porém, que o aparecimento de algumas cerdas notopodiais em segmentos anteriores não constitui caráter bastante evidente para marcar o ponto de transição, êste se situa muito mais para trás.

O que mais caracteriza a região posterior e se evidencia ao exame mais superficial é, não só a existência do ramo dorsal, mas, preponderantemente, o grande desenvolvimento das cerdas neuropodiais, acarretando um aumento do diâmetro aparente do animal.

Nos espécimens do Rio Grande do Sul a conformação dos parapódios, nas diferentes regiões do corpo, é sensivelmente igual à figurada por MONRO (1936); as ligeiras divergências quanto à forma dos lobos septais podendo ser atribuídas à técnica de exame.

A presença de "chevrons" em um de seus exemplares é tida por EHLERS como um caráter juvenil.

O aspecto delicado e a ocorrência de apenas 1 a 3 dêles justamente nos espécimens menores da coleção atual, confirmam êsse critério.

Não obstante, HARTMAN é radical, considerando a presença de "chevrons" como caráter exclusivo e admite ser o exemplar de EHLERS proveniente do Cabo do Espírito Santo, o menor dêles, uma *Goniada falklandica* Pratt (descrita como *Goniada norvegica* Oersted var. *falklandica*).

PRATT (1901, p. 3-11), a nosso ver, preocupou-se em demasia com a eventual equivalência das formas boreal e austral de *G. norvegica*. Justifica-se a autora (p. 3), dizendo que "As this affords a good example of the same species occurring in the north and south temperate region but not in the tropics, I have given a detailed examination of the form".

Tenha-se em vista que tôda a discussão, inclusive a de HARTMAN (1950, p. 30), é baseada num único espécimen, fêmea, maduro e incompleto.

O caráter essencial na distinção genérica, isto é, a existência ou não de "chevrons", não é conclusivo neste caso particular; a armadura lateral da tromba de *G. falklandica* podendo ser considerada "vestigial". Ao comparar as figuras 1 e 2 de PRATT (est. 4), respectivamente de *norvegica* e *falklandica*, é necessário notar que a última é feita com um aumento 4 vezes maior (15×/65×); se os "chevrons" das duas espécies houvessem sido desenhados na

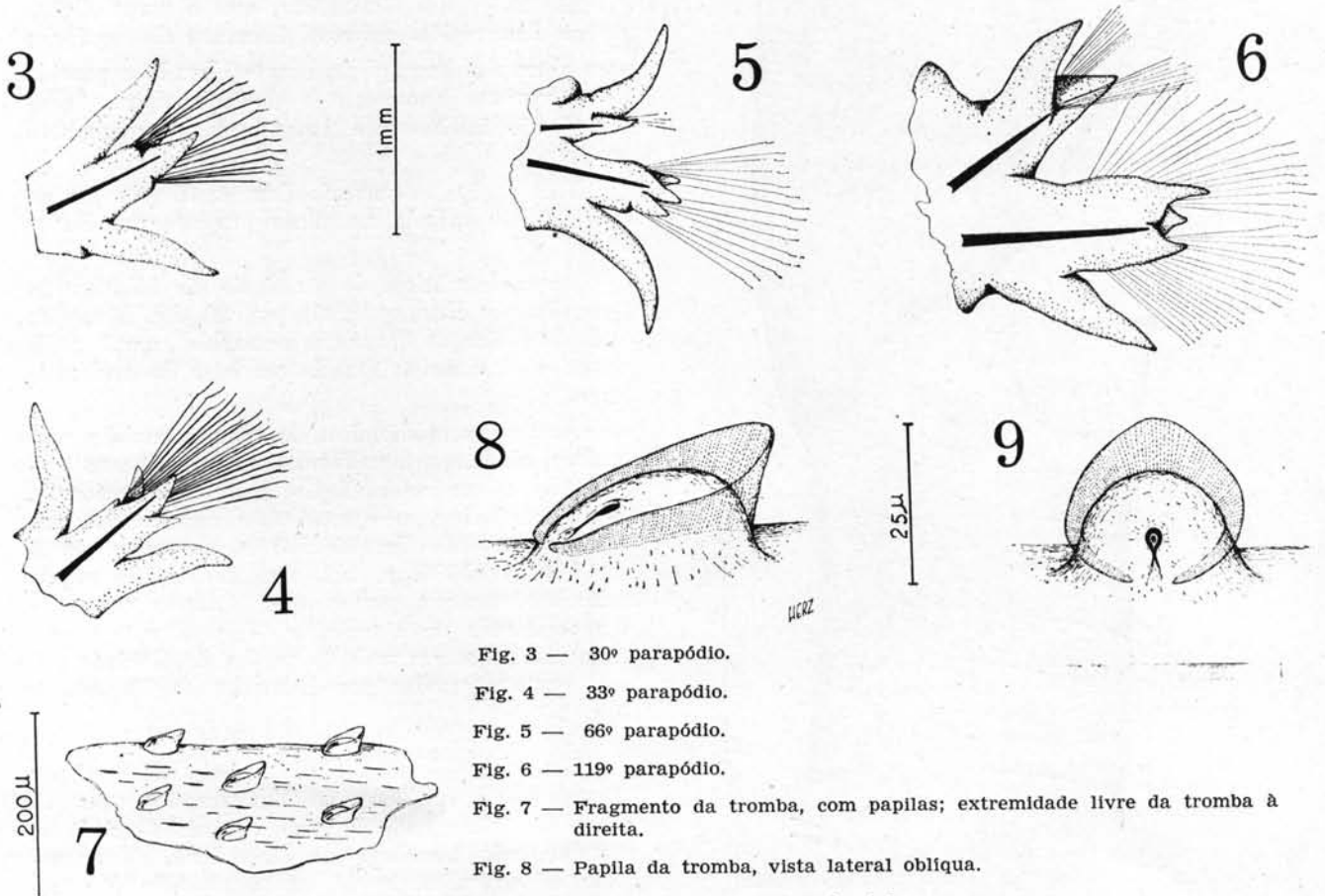


Fig. 3 — 30º parapódio.

Fig. 4 — 33º parapódio.

Fig. 5 — 66º parapódio.

Fig. 6 — 119º parapódio.

Fig. 7 — Fragmento da tromba, com papilas; extremidade livre da tromba à direita.

Fig. 8 — Papila da tromba, vista lateral oblíqua.

Fig. 9 — Papila da tromba, vista frontal.

mesma escala, os de *falklandica*, obviamente, apareceriam muito menos conspícuos.

A atual ocorrência simultânea das duas formas — com armadura externa, vestigial e sem ela — numa mesma amostra, tende a confirmar a unidade da espécie.

DISTRIBUIÇÃO — Estreito de Magalhães; Terra do Fogo; Ilhas Falkland; Costa Sul do Brasil.

Fam. EUNICIDAE Savigny 1818

Gên. *Eunice* Cuvier 1817

Leodice Savigny 1820

O gênero *Eunice* se caracteriza pela presença de brânquias, geralmente pectinadas, 5 antenas e um par de cirros tentaculares.

Eunice rubra Grube 1856

Eunice rubra Grube, 1856, p. 59. Ehlers, 1887, p. 87-88, est. 26, figs. 1-11. Hartman, 1944, p. 117, est. 7, figs. 151-153.

Leodice rubra (Grube), Treadwell, 1921, p. 15-17, figs. 13-20, est. 2, figs. 1-4.

Dois exemplares incompletos, com 60 e 88 setígeros anteriores.

DIAGNOSE — *Eunice* do grupo "flavus tridentata" de Hartman; brânquias pectinadas, com 8 a 10 filamentos; antenas nitidamente moniliformes.

DESCRIÇÃO — Corpo longo, vermiforme, de seção elíptica. Prostômio profundamente incisado; antenas longas e moniliformes; dois olhos de tamanho mediano; cirros tentaculares lisos. Brânquias começando com um filamento curto, no 4.º setígero e já bem desenvolvidas, pectinadas, com 6-8 ramos, no 6.º setígero; o número de filamentos branquiais atinge um máximo de 10, entre o 10.º e o 20.º segmento, para decrescer rapidamente e reduzir-se a 2 ou 3, após o 30.º. Cirro dorsal muito longo, ultrapassando o comprimento do tronco tranqual. Acículos amarelos, com ponta rombuda, discretamente dilatada. Cerdas aciculares tridentadas, amarelas; cerdas compostas falcíferas, bidentadas; cerdas pectinadas finas, com cerca de 10 dentes, os laterais mais longos.

Mandíbula com incrustação calcária, branca, na parte cortante. Maxilas esbranquiçadas, com bordos escuros; fórceps cinza escuro, forte, bem conformado; maxila II com 4 dentes; III com 8 e 6; IV delicada, serrilhada.

Comprimento, para 88 setígeros: 62 mm.

DISCUSSÃO — A distinção entre *E. rubra* Grube e *E. antennata* Savigny é precária. Essa característica tem sido evidenciada por diferentes autores, que tiveram em mãos material mais abundante do que o atual.

A espécie *antennata* distinguir-se-ia de *rubra*, pela presença de brânquias bem desenvolvidas nos segmentos da região posterior, isto é, o número de filamentos branquiais, que se reduz nos segmentos

medianos, torna a aumentar. Além desse caráter, HARTMAN atribui significação à forma ligeiramente diversa, da ponta dos acículos (1944, est. 7, figs. 153 e 154).

Ainda que aos dois espécimens desta coleção faltem precisamente os segmentos, cuja estrutura poderia indicar com maior exatidão a qual das espécies pertencem, nós os consideramos como *E. rubra* Grube, baseando-nos essencialmente na diversa distribuição geográfica.

E. antennata, descrita por SAVIGNY, do Golfo de Suez, tem distribuição preponderantemente Indo-Pacífica.

E. rubra, descrita por GRUBE, das Antilhas, é encontrada (segundo HARTMAN) especialmente na costa leste das Américas; da Carolina do Norte até o Brasil, incluindo o Golfo do México. Sua ocorrência na costa brasileira (Boa Viagem, Pernambuco) é referida por AUGENER (1931 — 'Meteor'), e por TREADWELL (1921, p. 17), que menciona a existência, no U.S. National Museum, de um espécimen da mesma proveniência.

A descrição de EHLERS (1887), de *E. rubra* da Flórida, aplica-se, com uma única exceção, corretamente ao nosso material. Conformação das antenas, forma das cerdas, das brânquias e do aparelho bucal, são idênticas. Apenas o desenvolvimento do cirro dorsal é muito maior. Em nossos exemplares o cirro ultrapassa em extensão o tronco da brânquia, enquanto nos de EHLERS atinge apenas a metade deste.

Caráter idêntico é encontrado em *E. longicirrata* Webster, das Bermudas (1884, est. 12, figs. 75-77), espécie que, em muitos aspectos, se assemelha a *E. rubra*, diferindo, porém, pelas cerdas aciculares bidentadas e pela ausência de brânquias nos segmentos posteriores.

Eunice brasiliensis Kinberg, 1865, provém, igualmente de Pernambuco e pelo que depreendemos da descrição e figuras de KINBERG (1910, p. 42, est. 16, fig. 19 B-G) parece ser espécie indistinguível da atual. Não havendo, porém, o autor se referido às cerdas aciculares, a diagnose ficou incompleta, tornando inexequível uma comparação perfeita. HARTMAN, na revisão dos tipos de KINBERG (1949), não discute essa espécie.

Esperamos, dispondo de um maior número de exemplares, de diversas procedências, nos seja possível constatar se *E. rubra*, *E. antennata* e *E. brasiliensis* pertencem a uma mesma e única espécie.

DISTRIBUIÇÃO — Na costa brasileira: colhida por nós, no litoral da Bahia (Amaralina), em Ubatuba, Santos e Caiobá (Paraná); em nossa latitude, é espécie freqüente na zona das marés, sob pedras.

Gên. *Marphysa* Quatrefages

Nauphanta Kinberg

Nausica Kinberg

O gênero *Marphysa* possuindo, igualmente, brânquias pectinadas e 5 antenas, distingue-se de *Eunice* pela falta de cirros tentaculares.

Marphysa sanguinea (Montagu) 1815

Marphysa sanguinea (Montagu), Fauvel, 1923, p. 408, fig. 161, a-h.
Hartman, 1944, p. 127-128, est. 8, figs. 179-183.

Um exemplar incompleto, com 102 setígeros anteriores.

DIAGNOSE — *Marphysa* com cerdas compostas providas de artículos cultriformes; ganchos subaciculares inconspícuos ou ausentes.

DESCRIÇÃO — Corpo vermiforme, achatado. Prostômio bilobado, com dois pequenos olhos pretos; 5 antenas lisas, curtas, sendo a mediana mais longa que as laterais. Cirros dorsais lisos; sub-ulados, pouco mais longos que o pé. Cirro ventral em tubérculo obtuso. Brânquias com 1 a 5 filamentos, começando no 30.º setígero.

Acículos pretos; cerdas subaciculares amarelas, ligeiramente bidentadas. Cerdas do feixe superior de dois tipos: capilares, limbadas e pectinadas, com dentes numerosos e muito finos (setígeros anteriores) ou poucos e largos (segmentos medianos e posteriores). Cerdas do feixo inferior compostas, com artículo longo, cultriforme (espiníferas).

Marphysa sanguinea é uma espécie cosmopolita, com ampla distribuição na zona das marés e na plataforma continental, especialmente nos mares quentes. Um certo número de formas finas, do Atlântico tropical, distinto apenas por caracteres não essenciais, foi considerado por HARTMAN (1944, p. 126; 1956, p. 254 e 285) como espécies provavelmente idênticas a esta. *M. acicularum brevisbranchiata* Tread., das Bermudas, assim como *M. nobilis* Tread. e *M. viridis* Tread., da Flórida, estão nesse caso.

Nauphanta brasiliensis Hansen (1882, p. 7, est. 2, figs. 8-13) foi considerada como provável sinônimo de *M. sanguinea*, por AUGENER (1934, p. 136; fide HARTMAN 1944) e assim consta do Catálogo. HANSEN viu e figurou as cerdas pectinadas como cerdas "à ciseau" (*op. cit.*, fig. 13), o que não permite comparação com as correspondentes de *M. sanguinea*. O pé figurado (fig. 19, *op. cit.*) exhibe uma brânquia pectinada e parece ser inteiramente desprovido de cirro dorsal. Quanto às cerdas compostas, ainda que o autor se refira a "deux sortes de soies composées", são realmente de um único tipo, espiníferas, com artículo de comprimento variável (fig. 10, a, b).

Tendo em conta tais divergências e desde que HANSEN não se refere ao aparelho bucal, parece-nos não haver razão para considerar *N. brasiliensis* sinônimo de *M. sanguinea*.

DISTRIBUIÇÃO — Na costa brasileira, colhida por nós na Bahia, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Fam. LUMBRINERIDAE Malmgren 1867

Lumbrineris Blainville, Hartman 1944, p. 136
Gên. *Lumbrineris* Blainville

O gênero *Lumbrineris* distingue-se, dentro da família, pelo prostômio desprovido de apêndice, pela ausência de brânquias e pelas peças maxilares denteadas.

Lumbrineris latreilli Audouin & Milne Edwards 1834

Lumbrineris nasuta Treadwell 1921, p. 101-102, figs. 371-377. (Non) *Lumbriconereis nasuta* Verrill 1900.

Lumbriconereis latreilli Aud. & Edw. Crossland 1924, p. 10-15, figs. 8-14. Fauvel 1923, p. 431-432, fig. 71, m-r.

Lumbrineris latreilli Aud. & Edw. Hartman 1944, p. 158, est. 9, figs. 213-216.

Três exemplares incompletos, respectivamente com 62, 68 e 90 segmentos anteriores.

DIAGNOSE — *Lumbrineris* com cerdas compostas nos segmentos anteriores, acículos amarelos, lobos parapodiais curtos.

DESCRIÇÃO — Corpo longo, vermiforme, ligeiramente comprimido nos segmentos anteriores. Prostômio cônico, de secção elíptica, desprovido de antenas e de olhos. Parapódios curtos, com lobo post-septal de comprimento moderado, com 3 acículos amarelos.

Segmentos anteriores (1 a 23) dotados de cerdas de dois tipos: compostas falcíferas, com artículo largo e de rostro denteado; simples, arqueadas e limbadas. Nos setígeros medianos as cerdas compostas são substituídas por cerdas simples e sem limbo. Na região posterior subsistem apenas estas últimas, desaparecendo as limbadas na altura do 50.º setígero.

Peças bucais fortes, bem conformadas. Maxilas de cor castanho-escuro a negro. Fôrceps robusto, alongado e liso, suportes largos, incisados lateralmente e com a extremidade denteada. Maxila II = peças largas com 4 dentes correspondendo a "cristas" transversais; maxila III = 2 e 1; maxila IV estreitas = 1 e 1. Cada maxila se continua, na base, por uma zona de material translúcido, densamente coberto de pequenas manchas pretas.

Mandíbula de comprimento mediano e de cor clara; a parte cortante marcada com linhas concêntricas; parte basal larga, moderadamente incisada.

Comprimento para 90 setígeros: 58 mm; diâmetro: 2,5 mm.

DISCUSSÃO — A caracterização dos exemplares adultos de *L. latreilli* é relativamente fácil, o que não acontece com os jovens. CROSSLAND considerou "a tedious business" separar pequenos espécimens de *L. latreilli*, *L. gracilis*, *L. coccinea* e *L. albifrons*. Excetuadas certas peculiaridades do aparelho bucal, os exemplares desta coleção concordam perfeitamente com o material descrito por CROSSLAND, da África e por FAUVEL, de diferentes regiões do Atlântico Norte, Mediterrâneo e Mar Vermelho.

As peças maxilares II, III e IV, do espécimen dissecado, distinguem-se por uma larga região basal

hialina, coberta de pequenos pontos negros, muito juntos. Tal caráter, encontrado também em *L. cinzulata* Tread., parece ser próprio dos animais jovens; a figura de CROSSLAND (1924, p. 28, fig. 36) correspondente a um pequeno espécimen da variedade *japonica*, mostra uma maxila IV com a mesma característica.

De material brasileiro foram descritas três espécies de *Lumbrineris*: *L. brasiliensis* Grube 1856, *L. brasiliensis* Kinberg 1865 (= *L. januarii* Grube 1878) e *L. janeirensis* Augener 1934. De acordo com a sùmula de HARTMAN (1944), a espécie *brasiliensis* de GRUBE é muito imperfeitamente conhecida. *Lumbrineris januarii* (Grube), que inclui *L. brasiliensis* Kinberg difere de *L. latreilli* pela forma do prostômio e da mandíbula e por possuir cerdas compostas espiníferas em lugar de falcíferas. *L. janeirensis* Augener só tem cerdas simples limbadas, faltando as cerdas compostas.

DISTRIBUIÇÃO — Admitindo que as pequenas divergências encontradas em exemplares de proveniências diferentes sejam devidas apenas a uma diversificação geográfica, *L. januarii* pode ser considerada espécie cosmopolita. No Atlântico, a área de distribuição conhecida incluía o Golfo do México e o Mar das Antilhas, até a Colômbia e o Panamá (HARTMAN 1944, p. 139). A ocorrência atual a amplia até o Brasil sul.

Fam. LYSARETIDAE Kinberg
Gên. *Aglaurides* Ehlers

O gênero *Aglaurides* reúne espécies de vida livre, caracterizadas pela presença de um único segmento anterior ápodo.

Aglaurides sp.

?*Aglaurides fulgida* (Savigny). Hartman, 1944, p. 185-186, est. 14, figs. 303-307.

Um grande fragmento, com cerca de 120 setígeros, medindo 170 mm e com diâmetro de 8 mm (pés excetuados).

Apesar da falta da região anterior, as peculiaridades dos pés são suficientes para caracterizar o gênero, com razoável segurança.

Consideramos muito provável que se trate de um fragmento mediano de *Aglaurides fulgida* (Savigny). A conformação dos parapódios, dotados de um grande cirro dorsal, foliáceo e pedunculado, é idêntica à figurada por TREADWELL (1921, p. 118, fig. 431) ao descrever *A. diphyllidia*, espécie que HARTMAN coloca na sinonímia de *fulgida*.

A presença de um acículo bidentado e de cerdas unicamente simples, limbadas, é mais um argumento a favor da identificação.

As proporções do fragmento sugerem um animal de tamanho excepcionalmente grande, devendo atingir, quando completa, cerca de 400 mm.

A. fulgida, que ainda não havia sido assinalada na costa brasileira, tem sido coletada com frequên-

cia no litoral do Estado de São Paulo. Nas enseadas da região de Ubatuba, a espécie é comum, não atingindo, porém, mais de 15 cm de comprimento, o que coincide com as medidas referidas por TREADWELL (*op. cit.*, p. 117) para um animal de comprimento médio, com cerca de 200 somitos.

HARTMAN (1944, p. 186) refere sua ocorrência na costa atlântica das Américas, desde as Bermudas até as Antilhas e, no Pacífico, do Panamá ao Equador. Sua presença em nossa latitude (23°30'S) amplia a área de distribuição, no Atlântico, até o sul do Brasil.

Fam. FLABELLIGERIDAE St. Joseph, 1898
Gên. *Pherusa* Oken

Trophonia Audouin & Milne Edwards 1830

Stylarioides delle Chiaje 1841. Fauvel 1927, p. 115

Pherusa Oken. Stop. Bowitz, 1948, p. 13.
Hartman 1959, p. 417

Pherusa capitata sp. n.
(Figs. 10-12)

A descrição é baseada no espécimen único desta coleção e em vários exemplares provenientes da região de Ubatuba, São Paulo.

DIAGNOSE — *Pherusa* com cerdas neuropodiais de ponta bifida; região anterior dotada de um conjunto de papilas terminais, mediano; cerdas aciculares finas, nos neuropódios.

DESCRIÇÃO — Corpo claviforme, inteiramente recoberto por grãos de areia, com 50-60 setígeros. Grade cefálica formada pelas cerdas robustas, muito longas e iridescentes dos três primeiros segmentos. Região anterior terminando, dorsalmente, por uma estrutura composta de três papilas com aspecto de antenas, a mediana mais longa, de base cônica e extremidade clavada; de cada lado da papila mediana, entre esta e as laterais são perceptíveis duas manchas ligeiramente salientes. Sifão bucal curto, cônico e largamente aberto; dois palpos robustos, canaliculados e com bordos pregueados. Brânquias numerosas, de um só tipo, inseridas em fileiras intercaladas, no bordo de um suporte em ferradura; as duas brânquias do ápice substituídas por curtas papilas cônicas (Fig. 10). Região posterior gradualmente afilada, porém sem formar uma "cauda" distinta; ânus terminal, no centro do último setígero.

Cerdas dorsais simples, transversalmente estriadas, de ponta fina e aguda; as dos 5 primeiros feixes, grandes e dirigidas para a frente; as dos restantes, muito menores e mais delicadas. Cerdas ventrais robustas, igualmente estriadas, semelhantes às dorsais, nos dois setígeros anteriores; a partir do 3.º setígero aparecem algumas cerdas com ponta unciniforme e dotadas de um apêndice delgado. Os neuropódios dos segmentos medianos possuem 4 a 5 cerdas dêste último tipo e 3 a 4 cerdas aciculares,

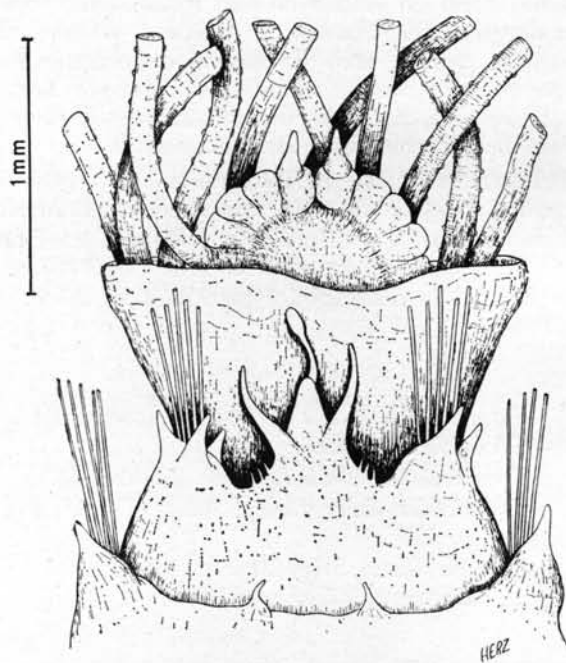


Fig. 10 — Detalhe da região anterior, vista dorsal. (Cerdas cortadas).

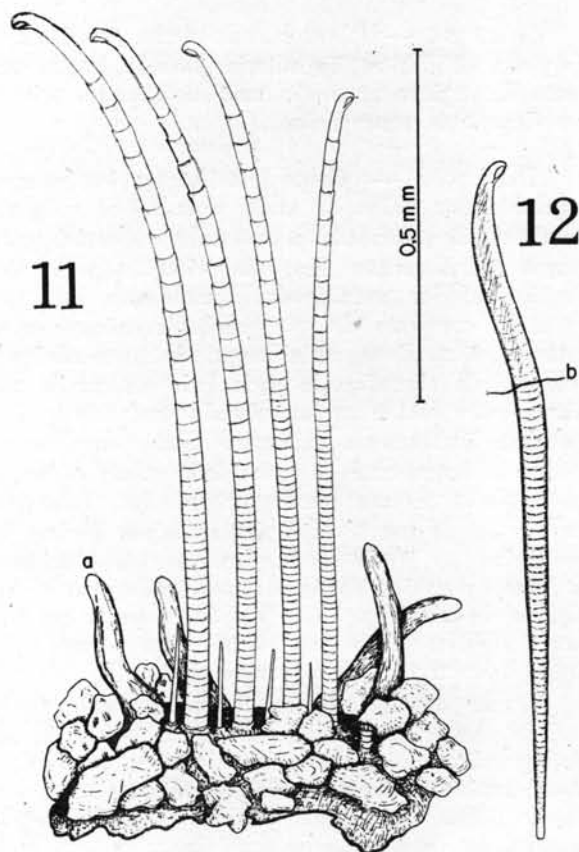


Fig. 11 — Grupo de cerdas neuropodiais do 22º parapódio; a, papilas digitadas.

Fig. 12 — Cerdas sigmóide (gancho) do neuropódio do 38º pé.

muito curtas e finas, emergindo apenas do revestimento de areia. Nos segmentos posteriores, as cerdas uncinadas sofrem uma rápida transição para a forma acicular, sigmóide, conservando a ponta bipartida. Papilas digitadas, cilíndricas e longas, em número de 3 a 5 são presentes nos dois ramos de cada pé, emergindo entre os grãos de areia e contribuindo, assim, para fixá-los à superfície do corpo.

Comprimento (exemplar do 'Pescal II'): 35 mm; maior diâmetro: 4,5 mm.

Existe, indubitavelmente, uma grande semelhança entre *Pherusa capitata* sp. n. e *Pherusa arenosa* (Webster), sensu McINTOSH 1915.

Preferimos, entretanto, considerá-la espécie diversa e nova, pelas razões que daremos a seguir.

Os exemplares de *Ph. arenosa*, estudados por McINTOSH (1915), evidenciaram peculiaridades que, sem invalidar a diagnose original, caracterizam singularmente a espécie britânica e se aproximam mais de *Ph. capitata*. De tais peculiaridades, a mais conspícua é a distribuição das papilas cilíndricas que, em oposição às da espécie típica, onde ocorrem em várias séries longitudinais, limitam-se tanto na espécie britânica quanto em *capitata* quase exclusivamente aos parapódios.

Acresce ainda que a extremidade anterior apresenta em *Ph. capitata* configuração peculiar. Dorsalmente, a papila mediana, longa e flageliforme é inserida sobre um segmento basal, largo, onde duas saliências laterais, ligeiramente pigmentadas e apenas perceptíveis, poderiam ser olhos.

A região peribucal evaginável, ou "sifão", parcialmente retraída no exemplar tipo, pôde ser levada à distensão, exteriorizando os palpos e as brânquias.

HARTMAN (1951), numa diagnose da família e na descrição de *Stylarioides inflata*, emprega as designações "processos tentaculares do peristômio" e "tentáculos orais"; a maioria dos autores, entretanto, considera tais órgãos como brânquias, o que concorda melhor com sua estrutura aparente.

Ph. capitata possui cerca de 20 brânquias cilíndricas e longas, inseridas sobre a curvatura maior de um lobo delgado, com forma ovalada.

Envolvendo a brânquia, com aspecto semelhante ao de uma mola espiral, existe um filamento hialino. A existência real desse filamento e sua continuidade são evidentes numa preparação em que a brânquia, comprimida, partiu-se.

Irregularmente dispostos na superfície de cada uma delas, em todo o comprimento, existem tufo circulares de longos cílios.

Parapódios — Uma estrutura externa, que possa ser qualificada de parapódio, só ocorre nos poucos segmentos anteriores, nos quais as longas cerdas emergem de uma base nitidamente elevada. Nestes, três papilas triangulares ou cônicas formam um lobo post-septal característico (Figs. 11 e 12). Gradualmente reduzidas nos segmentos medianos, são substituídas pela forma cilíndrica (digitada), desaparecendo o aspecto de lobo parapodial.

As cerdas, sulcadas por barras transversais a distâncias que aumentam da base para a ponta, não são articuladas.

As cerdas ventrais dos segmentos medianos exibem estrias muito juntas na parte interna e rapidamente espaçadas a partir do nível em que emergem do corpo; o último segmento, cujo comprimento é igual ao conjunto dos quatro anteriores, termina numa ponta curta e recurvada.

McINTOSH compara a extremidade unciforme das cerdas correspondentes de uma *aviicularia* de Briozoário. A propósito dos ganchos sigmóides diz: "the secondary process has in some lost its web so that the thickened edge forms as its were the mandible below the hooked beak"; configuração típica também para *capitata* (vide Fig. 11).

O revestimento de grãos de areia é compacto e homogêneo, porém facilmente removível quando fragmentado, exceto ao nível dos feixes de cerdas onde estas e as papilas contribuem para fixá-lo.

A apreciação do verdadeiro significado e do valor taxonômico de caracteres como tamanho relativo e segmentação das cerdas, forma e distribuição das papilas e conformação das brânquias e palpos, são particularmente difíceis num gênero com formas freqüentemente revestidas por compacta cobertura de areia e cujo aparelho bucal se apresenta geralmente retraído. Acresce ainda que o desgaste da extremidade das cerdas mais robustas, ou a perda de peças acessórias delicadas, podem, facilmente, levar a uma identificação errônea.

Na descrição e nas figuras de WEBSTER não há referência às pequenas cerdas aciculares que acompanham as cerdas e ganchos uncinados; tampouco a elas se refere McINTOSH (1915). Entretanto, FAUVEL (1927) coloca *Trophonia arenosa* na sinonímia de *Stylarioides eruca* (Claparède) e DAY (1955, p. 421) diz que "um exemplar identificado, em 1915, por McINTOSH como *St. arenosus* Webster, foi examinado no Museu Britânico e provou ser *St. eruca*". Ora, esta última espécie possui "em cada ramo, finas cerdas aciculares, com base alargada" (FAUVEL 1927, p. 119); característica que teria passado despercebida a WEBSTER e McINTOSH.

Dir-se-ia, portanto, existir perfeita identidade entre as três espécies: *Ph. capitata* sp. n., *Ph. arenosa* (Webster) e *Ph. eruca* (Claparède).

Porém, isso não ocorre.

Mesmo que não entremos no mérito da distinção que CLAPARÈDE (1868, p. 105) faz entre os gêneros *Stylarioides* e *Trophonia*, a caracterização deste último é decisiva: "Toutefois cette cage n'est point clairement délimitée comme chez les Stylarioides, et il n'est point possible de dire que les segments antérieurs soient armés d'une manière particulière" (p. 105). E, na descrição de *Trophonia eruca* (p. 106): "Je ne saurais mieux comparer le facies de ce ver qu'à celui d'une chenille de Bombycide à poils hérissés".

Um tal aspecto, decididamente, não corresponde ao de *Ph. capitata* e, tampouco, ao de *Ph. arenosa*, ambos dotados de magníficas cerdas nos segmentos anteriores. (E, excetuando-se os "pêlos eriçados" nem mesmo ao de *St. eruca* de FAUVEL!).

Também as papilas são diferentes; CLAPARÈDE as descreve e figura (*op. cit.*, est. 25, fig. 2 A) como "um botão esférico com longo pedículo"; sendo "sua

aparência cilíndrica devido a uma matéria incrustante".

Da mesma forma, RIOJA (1944) descreve um *Stylarioides kerguelarum* (Grube), da costa sul da Argentina, com cerdas aciculares como as de *Ph. eruca* (e *Ph. capitata*), embora nem GRUBE na descrição original, nem McINTOSH (1885, citado pelo autor) a elas façam referência.

Piromis arenosa Kinberg (1910, p. 68, est. 28, fig. 3) e *Pycnoderma fernandense* Augener (1918, p. 448-452) consideradas por HARTMAN (1949) como uma única espécie, exibem papilas e cerdas uncinadas do mesmo tipo de *Ph. capitata*, mas distinguem-se desta pela conformação geral e o reduzido desenvolvimento das cerdas anteriores.

HARTMAN, em seu Catálogo, mantém distintos os gêneros *Pherusa* (= *Stylarioides*) e *Piromis* (que inclui *Pycnoderma* Grube); e como válidas as espécies *Ph. arenosa* (Webster) e *Ph. eruca* (Claparède).

RESUMO

De material bentônico, coletado pelo Museu Rio-grandense de Ciências Naturais, ao largo da Barra do Rio Grande (Rio Grande do Sul), são estudadas 7 espécies de poliquetos. Três delas, *Neanthes succinea*, *Marphysa sanguinea* e *Lumbrineris latreilli* são consideradas cosmopolitas, com ampla distribuição. *Ophioglycera eximia* era conhecida apenas da região Antártica; *Eunice rubra*, conhecida do Golfo do México, Mar das Antilhas e costa de Pernambuco, tem sua área de distribuição ampliada até o sul do Brasil. *Aglaurides fulgida* é identificada com reservas, por se dispor apenas de um fragmento mediano; o grande tamanho do fragmento sugere um verme de proporções excepcionais para a espécie.

Uma das espécies é nova para a ciência e descrita sob o nome de *Pherusa capitata* sp. n., baseada em exemplares do Rio Grande e de Ubatuba.

BIBLIOGRAFIA

- AUGENER, H.
1918. Polychaeta. Beitr. Kennt. Meeresfauna Westafri., vol. 2, p. 67-625, 6 ests.
1931. Die bodensässigen Polychaeten nebst einer Hirudinee der Meteor-Fahrt. Mitt. zool. St. Inst. Hamburg., vol. 44, p. 279-313, 11 figs.
1934. Polychaeten aus den zoologischen Museen von Leiden und Amsterdam. IV Schulss. Zool. Meded., vol. 17, p. 67-160, 31 figs.
- BUCKUP, L. & THOMÉ, J. W.
1962. I Campanha oceanográfica do Museu Rio-grandense de Ciências Naturais — A viagem do 'Pescal II' em julho de 1959. Iheringia, sér. zool., n.º 20, 42 p. 2 ests. 1 mapa.
- CLAPARÈDE, E.
1868. Les annélides chétopodes du Golfe de Naples. Mém. Soc. Phys. Hist. nat. Genève, vol. 19, pt. 2, p. 313-584, 16 ests.
1870. Les annélides chétopodes du Golfe de Naples. Seconde partie. Mém. Soc. Phys. Hist. nat. Genève, vol. 20, pt. 1, p. 1-225, 31 ests. 1869.
- CROSSLAND, C.
1924. Polychaeta of tropical East Africa, the Red Sea and Cape Verde Islands and of the Malvine Archipelago. The Lum-

- briconereidae and Staurocephalidae. Proc. zool. Soc. Lond., p. 1-106, 126 figs.
- DAY, J. H.
1955. The Polychaeta of South Africa. Part 3. Sedentary species from Cape shores and estuarines. J. Linn. Soc., Zool., vol. 42, n.º 278, p. 407-452, 8 figs.
- EHLERS, E.
1887. Report on the annelids of the dredging expedition of the U.S. coast survey steamer Blake. Mem. Mus. comp. Zool. Harv., vol. 15, vi + 335 p., 60 ests.
1901. Die Polychaeten des magellanischen und chilenischen Strandes. Ein faunistischer Versuch. Festschrift zur Feier des Hundertfünfzigjährigen Bestehens der königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen. (Abh. Math.-Phys.) Berlin, p. 1-232, ests. 1-25.
1908. Die Bodensässigen Anneliden aus den Sammlungen der deutschen Tiefsee-Expedition. 'Valdivia' 1898-99, vol. 16, pt. 1, p. 1-168, 23 ests.
1913. Die Polychaeten-Sammlungen der deutschen Südpolar-Exped., 1901-03. Dt. Südpol.-Exped., vol. 13, Zool. 5, pt. 4, p. 397-598, ests. 26-46.
- FAUVEL, P.
1923. Polychètes errantes. Faune Fr., vol. 5, p. 1-488, 188 figs.
1927. Polychètes sédentaires. Addenda aux Errantes, Archiannelides, Myzostomaires. Faune Fr., vol. 16, p. 1-494, 152 figs.
1936. Remarques sur les Néréidiens *Nereis succinea* Leuckart et *Nereis lamellosa* Ehlers. Bull. Soc. zool. Fr., vol. 61, p. 307-314.
1947. Annélides polychètes de Nouvelle-Calédonie et des Iles Gambier. Faune Emp. fr., VIII, 104 p. 90 figs.
1953. Annelida Polychaeta. The fauna of India, including Pakistan, Ceylon, Burma and Malaya. Allahabad, The Indian Press, xii + 507 p. 250 figs.
- GRUBE, A. E.
1856. Annulata Oerstediana. Pt. 1, p. 44-62.
1877. Die von der Gazelle mitgebrachten Anneliden, zu denen noch zwei von Dr. Buchhloz gesammelte kommen. Mber. Akad. Wiss. Berl., p. 509-554.
1878. Annulata Semperiana. Beiträge zur Kenntniss der Annelidenfauna der Philippinen nach den von Herrn Prof. Semper mitgebrachten Sammlungen. Mém. Acad. Sci. St. Petersburg, ser. 7, vol. 25, n.º 8, ix + 300 p., 15 ests.
- HANSEN, G. A.
1882. Recherches sur les annélides recueillies par le Professeur Eduard van Beneden pendant son voyage au Brésil et à La Plata. Mém. Acad. r. Sci. Lett. Bel., vol. 44, p. 1-29, ests. 1-7.
- HARTMAN, O.
1944. Polychaetous annelids. Pt. 5. Eunicea. Allan Hancock Pacif. Exped., vol. 10, n.º 1, p. 1-238, ests. 1-18.
1949. The marine annelids erected by Kinberg with notes on some other types in the Swedish State Museum. Ark. Zool., vol. 42-A, n.º 1, p. 1-37, ests. 1-18.
1950. Polychaetous annelids. Goniadidae, Glyceridae, Nephtyidae. Allan Hancock Pacif. Exped., vol. 15, n.º 1, p. 1-181, ests. 1-19.
1951. The littoral marine annelids of the Gulf of Mexico. Pub. Inst. mar. Sci., vol. 2, p. 7-124.
1959. Catalogue of the polychaetous annelids of the world. 2 partes. Occ. Pap. Allan Hancock Fdn, n.º 23, 628 p.
- HOAGLAND, R. A.
1920. Polychaetous annelids collected by the United States Fisheries steamer Albattross during the Philippine Expedition of 1907 to 1909. Bull. U.S. natn. Mus., n.º 100, vol. 1, p. 603-634, ests. 46-52.
- KINBERG, J. G. H.
1858-1910. Kongliga Svenska Fregatten Eugenies Resa omkring jorden under behålf af C.A. Virgin aren 1851-1853. Zoologi. 3. Annulater. Uppsala, Almqvist & Wiksells, 78 p., 29 ests. (Edição completa publicada em 1910).
1865. Annulata nova. Förh. Oefv. Vet. Akad. Stockholm, vol. 21, p. 559-574.
- MCINTOSH, W. C.
1885. Report on the Annelida Polychaeta collected by H.M.S. 'Challenger' during the years 1873-76. 'Challenger' Rep., vol. 12, p. 1-554, ests. 1-55, 1a-39a.
1915. A monograph of the British marine annelids. Polychaeta, Opheliidae to Amphictenidae. London, Roy. Soc., vol. 3, pt. 1, viii + 368 p., ests. 88-111.
- MONRO, C. C. A.
1930. Polychaete worms. 'Discovery' Rep., vol. 2, p. 1-222, 91 figs.
1936. Polychaete worms. II. 'Discovery' Rep., vol. 12, p. 59-198, 34 figs.
1937. Polychaeta. Scient. Rep. John Murray Exped., vol. 4, n.º 8, p. 243-321, 28 figs.
- PRATT, E. M.
1901. A collection of Polychaeta from the Falkland Islands. Mem. Proc. Manch. lit. phil. Soc., vol. 45, n.º 13, p. 1-18, est. 4.
- RIOJA, E.
1944. Estudios anelidológicos X. Estudio de algunos poliquetos del Museo Argentino de Ciencias Naturales.
- SAINT-JOSEPH, A.
1898. Les annélides polychètes des côtes de France (Manche et Océan). Anns Sci. nat., sér. 8, vol. 5, p. 209-464, ests. 13-23.
- TEBBLE, N.
1955. The polychaete fauna of the Gold Coast. Bull. Br. Mus. nat. Hist., Zool., vol. 3, n.º 2, p. 61-148, 30 figs.
- TREADWELL, A. L.
1921. Leodicidae of the West Indian region. Pubs. Carnegie Instn, n.º 293, 131 p., 467 figs., 9 ests.
- VERRILL, A. E.
1900. Additions to the Turbellaria, Nemertina and Annelida of the Bermudas, with revisions of some New England genera and species. Trans. Conn. Acad. Arts Sci., vol. 10, p. 595-671, 1 est.
- WEBSTER, H. E.
1879. Annelida Chaetopoda of the Virgiana coast. Trans. Albany Inst. N.Y., vol. 9, p. 202-269, ests. 1-11.
1884. Annelida from Bermuda. Bull. U.S. natn. Mus., n.º 25, p. 305-327, ests. 7-12.